

FACULDADE DAMAS DE INSTITUIÇÃO CRISTÃ

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

BIANCA FEITOSA FLORENTINO

**PARALELOS HISTÓRICOS ENTRE A GUERRA DA CRIMEIA (1853-1856) E A
GUERRA RUSSO-UCRANIANA: SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E IMPACTOS
NO SISTEMA INTERNACIONAL**

RECIFE

2025

Bianca Feitosa Florentino

**PARALELOS HISTÓRICOS ENTRE A GUERRA DA CRIMEIA (1853-1856) E A
GUERRA RUSSO-UCRANIANA: SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E IMPACTOS
NO SISTEMA INTERNACIONAL**

**Trabalho de
Conclusão de Curso como exigência
parcial para graduação no Curso
de Relações Internacionais, sob a
orientação do Prof. Dr. Pedro
Gustavo Cavalcanti Soares**

Dr. Pedro Gustavo Soares Cavalcanti

RECIFE

2025

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

F633p Florentino, Bianca Feitosa.
Paralelos históricos entre a Guerra da Crimeia (1853-1856) e a Guerra Russo-Ucraniana: semelhanças, diferenças e impactos no sistema internacional / Bianca Feitosa Florentino. – Recife, 2025.
29 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Gustavo Cavalcanti Soares.
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo – Relações Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2025.
Inclui bibliografia.

1. Crimeia. 2. Geopolítica. 3. Contenção. 4. Rússia. 5. Ordem internacional. I. Soares, Pedro Gustavo Cavalcanti. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2025.2-002)

BIANCA FEITOSA FLORENTINO

**PARALELOS HISTÓRICOS ENTRE A GUERRA DA CRIMEIA (1853-1856) E A
GUERRA RUSSO-UCRANIANA: SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E IMPACTOS
NO SISTEMA INTERNACIONAL**

**Trabalho de Conclusão de
Curso como exigência parcial
para graduação no Curso de
Relações Internacionais, sob a
orientação do Prof. Dr. Pedro
Gustavo Cavalcanti Soares**

Aprovado em ____ de ____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

(Nome, titulação e instituição)

(Nome, titulação e instituição)

(Orientador, nome, titulação e instituição)

Recife 2025

AGRADECIMENTOS

Com todo o amor que cabe em mim, agradeço, antes de tudo, à minha mãe, Sibelle Cordeiro Azevedo Feitosa, e à minha avó, Hilma Tavares de Almeida. Foram elas que me ensinaram o significado mais profundo do amor, amor esse que me sustenta, me guia e permanece vivo em cada gesto meu, mesmo após a partida delas. Tudo o que sou e tudo o que construí carrega um pouco das duas. Minha eterna gratidão, meu eterno amor.

Agradeço também às minhas amigas Aninha e Bu, que se tornaram irmãs nessa caminhada. Obrigada por cada conversa, por cada riso, por cada acolhimento. Vocês tornaram o caminho mais leve.

Aos meus amigos do colégio Helena, Cecília, Lorena e Gabriel, e à minha amiga de infância, Bruna, agradeço por caminharem ao meu lado e presenciarem minha evolução. A amizade de vocês é um verdadeiro presente.

Aos meus irmãos, deixo minha gratidão pelo amor, pelos gestos de apoio e por me motivarem a tentar ser uma pessoa melhor todos os dias.

À minha fiel companheira de quatro patas, Tessa, agradeço por estar sempre ao meu lado (literalmente, no meu pé) durante horas e horas de escrita deste projeto. Agradeço também a minha prima Vale. Te considero como irmã.

Agradeço ao meu pai por ter me proporcionado a oportunidade de concluir este curso, mesmo diante das dificuldades dos últimos tempos.

E, com afeto, agradeço ao meu orientador, Pedro, por sua gentileza, sua paciência e seu acolhimento nos momentos mais difíceis. Levo comigo uma grande admiração pelo senhor.

Por fim, agradeço carinhosamente a todos aqueles que, mesmo não mencionados, fizeram parte desta jornada. Cada gesto de apoio contribuiu para que este trabalho se tornasse possível.

RESUMO

Este artigo realiza uma análise histórica comparativa entre a Guerra da Crimeia (1853-1856) e a Guerra Russo-Ucraniana (2014/2022) para identificar os padrões de continuidade na motivação russa e de ruptura na estratégia de contenção do ocidente. A pesquisa, de natureza qualitativa e amparada na Geopolítica Clássica, estabeleceu que a Península da Crimeia constitui um eixo geopolítico invariável para a projeção do poder naval russo e a segurança do Heartland. Os resultados demonstram que, enquanto o Imperativo Geopolítico Russo se manteve constante, a Contenção Ocidental se revelou a variável de mutação: migrando da intervenção militar direta e convencional (século XIX) para uma estratégia assimétrica e institucionalizada, marcada pela Guerra Híbrida, sanções econômicas e hegemonia normativa (século XXI). Em ambos os casos, o conflito resultou em um impacto sistêmico análogo: o desmantelamento da arquitetura de segurança da época (o Concerto Europeu e a Ordem Liberal Pós-Guerra Fria). Conclui-se que a Crimeia persiste como o ponto principal da rivalidade, garantindo a institucionalização de uma crise de ordem de longo prazo na Eurásia.

Palavras-chave: Crimeia; geopolítica; contenção; Rússia; ordem internacional.

ABSTRACT

This article conducts a comparative historical analysis between the Crimean War (1853-1856) and the Russian-Ukrainian War (2014/2022) to identify patterns of continuity in Russian motivation and rupture in the West's containment strategy. The qualitative research, based on Classical Geopolitics, established that the Crimean Peninsula constitutes an invariable geopolitical axis for the projection of Russian naval power and the security of the Heartland. The results show that, while the Russian Geopolitical Imperative remained constant, Western Containment proved to be the variable of change: migrating from direct and conventional military intervention (19th century) to an asymmetric and institutionalized strategy, marked by Hybrid Warfare, economic sanctions, and normative hegemony (21st century). In both cases, the conflict resulted in a similar systemic impact: the dismantling of the security architecture of the time (the European Concert and the Post-Cold War Liberal Order). It can be concluded that Crimea remains the main point of rivalry, ensuring the institutionalization of a long-term crisis in Eurasia

Key-words: Crimea; geopolitics; containment; Russia; international order.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	
2.0 AS SEMELHANÇAS ESTRUTURAIS: A CONTINUIDADE GEOPOLÍTICA E O IMPERATIVO IMPERIAL RUSSO.....	
2.1 O Denominador Comum: A Geopolítica de Necessidade e o Pivô Invariável.....	
2.1.1 Comparação: A Disputa pelo Acesso Vital e o Padrão de Cerco.....	
2.2 O Imperativo Naval: Sebastopol como chave Inegociável.....	
2.2.1 Comparação: A Lógica de Maximização de Poder e a Reversão da Vulnerabilidade.....	
2.3 Fator Simbólico: Trauma, Recuperação e Doutrina de Intervenção.....	
2.4 Síntese da Continuidade: A Invariância Motivacional.....	
3.0 DIFERENÇAS E RUPTURAS NO TABULEIRO DE CONFLITO: TÁTICAS, ATORES E O CONTEXTO DO SISTEMA.....	
3.1 A Ruptura na Composição dos Atores e na Natureza das Alianças.....	
3.2 A Mudança nas Táticas de Contenção Ocidental.....	
3.2.1 Contenção Militar Direta (1853): Realismo Clássico em Ação.....	
3.2.2 Contenção Econômica e Indireta (2022): A Interdependência.....	
3.3 Mudança do Contexto Doméstico Russo.....	
3.4 Síntese da Ruptura.....	
4.0 OS IMPACTOS E CONSEQUÊNCIAS NO SISTEMA INTERNACIONAL: A REORGANIZAÇÃO DA ORDEM.....	
4.1 O Desmoronamento da Arquitetura de Segurança e a Reorganização da Ordem Sistêmica.....	
4.2 O Legado de Longa Duração: A Institucionalização do Revisionismo Russo e o Novo Modus Operandi da Contenção Ocidental.....	
4.3 A Continuidade Territorial e a Crise da Resolução: A Crimeia como Ponto de Tensão Permanente.....	
5 CONCLUSÃO.....	
REFERÊNCIAS.....	

1. INTRODUÇÃO

Os conflitos geopolíticos são, por natureza, os catalisadores estruturais que moldam as relações internacionais e redefinem as dinâmicas de poder entre os Estados. A história da Eurásia é marcada pela incansável rivalidade entre o poder continental russo e as potências marítimas ocidentais, um embate que frequentemente encontra seu ponto de ignição em regiões de importância estratégica. Diante disso, a Península da Crimeia e a região do Mar Negro emergem como um eixo geopolítico invariável¹, um espaço para conflitos que, apesar de separados por séculos, detém poder singular de implodir a ordem sistêmica vigente² e acaba por estabelecer novos padrões de embates. O presente artigo se debruça sobre a análise comparativa de dois momentos cruciais da história moderna: a Guerra da Crimeia (1853-1856) e a Guerra Russo-Ucraniana, iniciada em 2014 e intensificada em fevereiro de 2022. Embora distantes por mais de 160 anos e situadas em contextos sistêmicos totalmente divergentes – a Balança de Poder do Concerto Europeu do século XIX *versus* a Ordem Liberal Pós-Guerra Fria do século XXI –, estas guerras demonstram paralelos estruturais intrigantes. A análise tem como intuito transcender a mera descrição cronológica dos eventos, investigando as semelhanças persistentes na motivação da política externa russa, na intervenção das potências do Ocidente e nos impactos resultantes sobre a arquitetura de segurança e o sistema internacional.

A persistência de um foco de conflito na Crimeia, a respeito das transformações ideológicas, tecnológicas e estruturais massivas que ocorreram ao longo de um século e meio, aborda a questão central desta pesquisa: Quais são os padrões de continuidade (invariância) e de ruptura (mutação) que definem a dinâmica de conflito na Crimeia, e como a evolução da resposta e comportamento ocidental (contenção) impacta a reconfiguração da ordem internacional nos dois períodos analisados? A justificativa para esta comparação reside na sua relevância acadêmica e na sua urgência prática. No campo das Relações Internacionais, a recorrência do conflito desafia modelos teóricos que priorizam a mudança sistêmica sobre a determinação geográfica, realçando o valor da Geopolítica Clássica (como o imperativo de *Heartland* e *Rimland*)³ na explicação do comportamento de grandes potências. Praticamente, o artigo oferece *insights* de suma importância para a compreensão da política externa contemporânea da Federação Russa, na qual opera sob uma lógica revisionista que busca

1 FIGES, Orlando. *Crimeia: A história da guerra que redesenhou o mapa da Europa no século XIX*. Record, 2013.

2 BUSHKOVITCH, Paul. *História concisa da Rússia*. Companhia das Letras, 2017.

3 SPYKMAN, Nicholas. *America's Strategy in World Politics*. Harcourt, 1942.

reverter o que percebe como "humilhações históricas"⁴ e reafirmar sua esfera de influência. Analisar o passado permite compreender as estratégias modernas: se no século XIX a contenção era militar e direta, no XXI, ela se manifesta predominantemente através da guerra econômica, da Guerra Híbrida e da contenção normativa. O estudo, portanto, permite a visualização do legado duradouro de uma rivalidade que continua a moldar a segurança europeia.

A Tese Central deste trabalho é que a Crimeia atua como sendo o eixo geopolítico invariável da rivalidade russo-ocidental, sendo o Imperativo Geopolítico Russo (o acesso ao Mar Negro e a base de Sebastopol) a constante que impulsiona o conflito; contudo, a Contenção Ocidental se configura como a variável de mutação, evoluindo de uma coalizão militar de impérios (1853-1856) para uma estratégia assimétrica e institucionalizada (2014/2022) na qual utiliza a vulnerabilidade sistêmica (sanções) e a hegemonia normativa como principais ferramentas de pressão, resultando, em ambos os casos, no desmantelamento da arquitetura de segurança atual. Para sustentar esta tese, foram estabelecidos os seguintes objetivos. O Objetivo Geral é realizar uma análise histórica comparada entre a Guerra da Crimeia (1853-1856) e a Guerra Russo-Ucraniana (2014/2022), identificando as ações de continuidade na motivação russa e de ruptura na dinâmica de contenção ocidental e nos impactos sistêmicos. Os Objetivos Específicos são: Analisar a permanência da importância da Crimeia como pivô estratégico para a projeção de poder naval e acesso ao *Rimland* da Rússia, independentemente da ideologia de Moscou; Examinar a mutação da tática de contenção do Ocidente, contrastando a intervenção militar direta (1853-1856) com a estratégia assimétrica, híbrida e econômica (2014/2022); e, por fim, Avaliar os impactos sistêmicos de cada conflito, demonstrando como a Crimeia serviu para dissolver a ordem internacional da época (Concerto Europeu em 1856 e Ordem Liberal Pós-Guerra Fria em 2022) e institucionalizar um novo patamar de tensão.

O método utilizado neste artigo é de natureza qualitativa, pautado na análise histórica comparativa e na análise documental. A metodologia estabelece um diálogo rigoroso entre a teoria (Geopolítica Clássica e Realismo Estrutural) e o empirismo histórico, buscando rigor analítico na identificação dos padrões contínuos (Geografia) e das variáveis mutáveis (Sistema Internacional). O referencial teórico inclui autores centrais como Paul Bushkovitch, Orlando Figes, Dominic Lieven e Richard Sakwa. O trabalho está estruturado em quatro capítulos principais, além das Considerações Finais. O Capítulo 2.0 – As Semelhanças

4 SAKWA, Richard. *Frontline Ukraine: Crisis in the Borderlands*. I.B. Tauris, 2015.

estruturais: A continuidade geopolítica e o Imperativo Imperial Russo estabelece o denominador comum entre os conflitos, examinando o Imperativo Geopolítico Russo e a irrenunciabilidade pela península. O Capítulo 3.0 – Diferenças e Rupturas no Tabuleiro De Conflito: Táticas, Atores e o Contexto do Sistema contrasta os dois contextos sistêmicos, analisando a coalizão de impérios (1853) *versus* a contenção institucionalizada e assimétrica (2014/2022). O Capítulo 4.0 – Da Guerra de Trincheiras à Guerra Híbrida: As Táticas de Confrontação compara as ferramentas de guerra, contrastando a guerra convencional de Grande Escala (1853-1856) com a guerra moderna marcada pela dissuasão nuclear, Guerra de Informação e Guerra por Procuração. Por fim, o Capítulo 4.0 – Os Impactos e as Consequências no Sistema Internacional: A Reorganização da Ordem avalia o legado sistêmico, demonstrando como ambos os conflitos dissolveram a ordem vigente e levaram ao retorno da lógica de *Realpolitik* e à institucionalização do conflito nas disputas territoriais. Ao final, as Considerações Finais resumizam a tese, reafirmando que a Crimeia é a constante que une a ambição imperial do passado ao comportamento revisionista do presente, sendo o Mar Negro o ponto principal de toda a arquitetura de segurança europeia.

2. AS SEMELHANÇAS ESTRUTURAIS: A CONTINUIDADE GEOPOLÍTICA E O IMPERATIVO IMPERIAL RUSSO

“No seu âmago, a Crimeia e o Mar negro continuam sendo o ponto principal de ancoragem para o poder naval russo e sua projeção de poder, um imperativo de cunho estratégico que se manifesta independentemente do regime que governa Moscou: a geografia, sendo ela a variável invariável⁵”.

O presente capítulo irá estabelecer o denominador comum entre o conflito de 1853-1856 com o conflito atual iniciado em 2014/2022. Esta análise comparativa ilustra que as semelhanças estruturais entre os dois períodos baseiam-se em três pontos principais: a Geopolítica da Necessidade (cerco)⁶, o Imperativo Naval de Sebastopol e o peso do simbolismo imperial. A continuidade desses fatores no comportamento da política externa russa é o fundamento para a recorrência do impasse na região do Mar Negro.

2.1 O Denominador Comum: A Geopolítica de Necessidade e o Pivô Invariável

A principal semelhança entre os séculos XIX e XXI está na importância irrenunciável da Península da Crimeia, servindo para o cálculo de segurança e a projeção do poder de Moscou. A afeição russa não é apenas uma questão contingencial, mas sim uma necessidade estrutural que ultrapassa ideologias de regime, pautada nos princípios da Geopolítica Clássica⁷.

Dessa forma, a Crimeia atua como sendo o pivô estratégico que garante à Rússia, um Estado continental, o acesso vital às chamadas “águas quentes⁸” e as rotas marítimas. Essa necessidade exacerbada lee-se como sendo a tradução prática do conceito de “espaço vital” (*Lebensraum*), trazido por Rudolf Kjellén, onde o Estado é visto como sendo um organismo vivo à procura de territórios nos quais garantam sua sobrevivência e crescimento contínuo.

2.1.1 Comparação: A Disputa pelo Acesso Vital e o Padrão de Cerco

A composição estrutural do conflito russo na região da Crimeia é marcado pela luta contra a ameaça de cerco marítimo, tendo o objetivo de romper o isolamento continental e garantir uma rota de influência de cunho global, um padrão que se alastra com diferentes adversários ao longo de cada período. O quesito geográfico alinha a luta contra o Império Otomano e as potências europeias no século XXI (o que seria a “Questão Oriental”) ao

5 SPYKMAN, Nicholas. *America's Strategy in World Politics*. Harcourt, 1942.

6 MACKINDER, Halford. “The Geographical Pivot of History”. *The Geographical Journal*, 1904.

7 KJELLÉN, Rudolf. *The State as a Living Organism*. 1916.

8 FIGES, Orlando. *Crimeia*. Record, 2013.

conflito contra a expansão da OTAN no século vigente (a “Questão da Segurança Pós-Guerra Fria), ambas vistas como formas de contenção marítima.

Factualmente, a paranoia russa com a vulnerabilidade de seu flanco sul é tamanha. No século XIX, o Império Otomano, no qual era apoiado pela Grã-Bretanha, funcionava como uma espécie de “chave” na qual poderia fechar os acessos russos ao Mediterrâneo, bloqueando assim a vitalidade econômica e militar do Império. Para o então Czar Nicolau I, o controle dos Estreitos era visto como uma “necessidade da natureza”, sendo o caminho final para a hegemonia no Mar Negro (Figesm 2013, p. 55). A mesma lógica de segurança aplica-se ao século XXI. O que seria o papel de “chave”, no século presente, foi assumido pela Ucrânia, apoiada pela OTAN. A ameaça contemporânea não é o Império Otomano, mas sim a possibilidade de que o território ucraniano fosse agregado à aliança militar ocidental. Tal cenário seria então a representação do cerco marítimo final e definitivo, limitando assim a projeção russa.

A análise da tabela 1 demonstra incansável permanência do desafio geopolítico russo na região do Mar Negro, apesar da mudança de adversários. O estímulo e o quadro teórico estruturam a disputa, evidenciando que a lógica do cerco marítimo permaneceu como fator imutável da segurança russa.

Tabela 1: Continuidade Geopolítica no Mar Negro e a Delimitação Teórica

Comparaç ão	Guerra da Crimeia (Império Russo, 1853-1856)	Guerra Russo-Ucraniana (Federação Russa, 2014/2022)
Gatilho Geopolítico	A “Questão Oriental”: O esforço para desestabilizar o Império Otomano e obter o controle irrestrito dos Estreitos Turcos (Bósforo e Dardanelos), garantindo o acesso ao Mar Mediterrâneo, o que gerou a intervenção francesa e britânica.	A "Questão da Expansão da OTAN": O comportamento a uma ameaça percebida de avanço ocidental sobre a zona de influência russa. O objetivo era garantir os Estreitos de Kerch e o Mar de Azov, consolidando o domínio do Mar Negro e assegurando a base naval.
Quadro	A luta do poder terrestre para	A luta do Heartland para garantir o

Teórico	romper o cerco costeiro, seguindo a lógica do poder terrestre (Heartland) de Spykman contra o poder marítimo das potências europeias.	Rimland da Eurásia contra a influência da OTAN, vista como a expressão contemporânea do poder marítimo (EUA/UE).
---------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaboração própria a partir de Figes (2013), Mearsheimer (2001) e Sakwa (2015).

A Crimeia permanece sendo, em ambos os casos, o ponto geográfico onde a Rússia se sente existencialmente ameaçada e, como consequência, utiliza tal razão como uma justificativa para agir.

Richard Sakwa reforça essa percepção ao afirmar que o rompante de 2014 “foi uma reação defensiva de Moscou a uma ameaça existencial percebida, com o objetivo de restabelecer o controle sobre um território vital para a sua segurança naval,⁹” onde reflete a mesma inquietação de segurança que moveu o Czar Nicolau I.

2.2 O Imperativo Naval: Sebastopol como chave Inegociável

A segunda semelhança irrevogável e crucial reside na centralidade da Base Naval de Sebastopol. Nos dois períodos, o controle total e permanente de Sebastopol não foi uma mera opção estratégica, mas sim um imperativo de segurança indiscutível para o Estado russo. A tomada da base, sendo ele o porto mais importante da Frota do Mar Negro, é a explicação militar da necessidade geopolítica.

O comportamento russo nos dois séculos pode ser explicado pelo Realismo Ofensivo de John Mearsheimer (2001, p.30), onde afirma que em um sistema anárquico, as grandes potências buscam incansavelmente maximizar seu poder relativo e garantir a hegemonia regional, pois apenas a hegemonia pode assegurar a sobrevivência. A posse irrevogável de Sebastopol é o asset militar fundamental para essa maximização de poder no flanco sul, e para a manutenção de sua capacidade de persuasão. A vulnerabilidade ou a perda dessa base provoca, sistematicamente, um comportamento agressivo de Moscou.

⁹ SAKWA, Richard. *Frontline Ukraine*. I.B. Tauris, 2015, p. 104.

2.2.1 Comparação: A Lógica de Maximização de Poder e a Reversão da Vulnerabilidade

A constante responsiva da Rússia referente à ameaça de perda de Sebastopol é uma constante estratégica: não ceder o domínio completo e recuperá-lo utilizando a força quando por uma hora certa.

A figura 1 demonstra graficamente o motivo dessa fixação, mostrando a localização estratégica da base de Sebastopol com relação aos Estreitos Turcos e ao Mar Mediterrâneo. O mapa ilustra que qualquer força adversária baseada na Crimeia pode anular a Frota do Mar Negro russa.

Figura 1: Localização Estratégica da Crimeia e Projeção de Poder Naval



Fonte: Depositphotos- imagem vetorial, ID 33969991. Acesso em: 01 out. 2025.

A visualização entre os dois séculos comprova essa invariância de prioridade. No século XIX, a ameaça da derrocada militar e a então consequência da desmilitarização forçada pelo Tratado de Paris (1856) limitou a capacidade russa de projeção do seu poder. O historiador Figes aborda que "O Império só aceitou a desmilitarização como uma humilhação temporária. A anulação da cláusula [em 1871] foi vista como a restauração da honra nacional e do poder no Mar Negro."¹⁰ A quebra unilateral em 1871 foi a resposta imperial a tal humilhação.

Entretanto, no século atual, a ameaça seria a expulsão da base, onde o arrendamento com a Ucrânia era tido como insustentável. Sakwa observa que a anexação de 2014 foi a

10 FIGES, Orlando. *Crimeia*. 2013, p. 450.

forma mais rápida de retirar a ameaça existencial¹¹ e garantir, permanentemente, o ativo militar. A anexação unilateral ocorrida em 2014 é a resposta atual ao mesmo pensamento que impulsionou a Rússia em 1871. Portanto, a semelhança tende por residir no quesito do padrão de reação: a possível perda de Sebastopol é uma razão de guerra que não pode ser negociada, justificando assim um comportamento de revisão conforme a perspectiva da maximização do poder de Mearsheimer.

2.3 Fator Simbólico: Trauma, Recuperação e Doutrina de Intervenção

O conflito na Crimeia perpassa a dimensão do quesito material e torna-se um teste para a identidade e o status da Rússia perante o sistema internacional. Em ambos os períodos históricos, o conflito funciona como uma forma de catalisador para afirmar que a Rússia é uma grande potência na qual não pode ser contida e/ou ignorada, legitimando a ação perante a população doméstica e a comunidade internacional.

Dominic Lieven em *The Russian Empire and Its Revels*¹², enfatiza que a política imperial russa é movida por uma incansável busca por segurança de fronteira e, majoritariamente, por grandeza. A tabela 2 demonstra como as doutrinas ideológicas serviram como uma justificativa de intervenção em ambos os séculos, interligando o trauma do passado com as ações do presente.

Tabela 2: Comparação dos Fatores Simbólicos e as Doutrinas de Intervenção

Fator Simbólico	Guerra da Crimeia (1853-1856)	Guerra Russo-Ucraniana (2014/2022)

¹¹ SAKWA, Richard. *Frontline Ukraine*. 2015.

¹² LIEVEN, Dominic. *Empire: The Russian Empire and Its Rivals*. Yale, 2002.

Trauma Motivador	A derrota militar de 1856 foi uma humilhação de <i>status</i> onde expôs o atraso do Império Czarista, gerando um impulso interno pela restauração da glória e pela anulação das imposições ocidentais.	O trauma foi o colapso da URSS (1991), visto como o fim do status de potência hegemônica e a perda de vastos territórios. A anexação de 2014 é a busca por restaurar o poder e a esfera de influência que foi perdida.
Doutrina de Intervenção	Pan-Eslavismo e Proteção da Ortodoxia. A intervenção era justificada pela missão de proteger os cristãos sob domínio Otomano, legitimando a expansão nos Bálcãs e a reivindicação de influência.	Doutrina do <i>Russkiy Mir</i> (Mundo Russo) ¹³ e a proteção das minorias russas. A intervenção é justificada pela missão de proteger os russos étnicos e falantes de russo contra o "Ocidente decadente" e a Ucrânia.

Fonte: Elaboração própria a partir de Lieven (2002), Sakwa (2015) e Figes (2013)

A principal característica semelhante permanece no uso de uma doutrina ideológica na qual legitima uma ação geopolítica. No século XIX, a motivação da luta era o campo de prova do papel da Rússia como protetora dos eslavos. No século XXI, a anexação ilustra o desejo de reverter o que o Kremlin, na voz do seu líder, considera como sendo a "maior catástrofe geopolítica do século XX¹⁴" (Putin, 2005), ou seja, o colapso da União Soviética.

A Crimeia, com sua história atrelada aos Czares e sua russófona, é o símbolo persistente que permite a Moscou utilizar a narrativa de “proteção” para explicar o revisionismo territorial e a reafirmação de seu papel como potência global.

¹³ SAKWA, Richard. *Frontline Ukraine*. 2015.

¹⁴ PUTIN, Vladimir. Discurso à Assembleia Federal, 2005.

2.4 Síntese da Continuidade: A Invariância Motivacional

Em suma, a análise comparativa demonstra que a principal semelhança entre os dois conflitos permanece na invariância motivacional russa e do valor estratégico da região da Crimeia. A região funciona como sendo a variável invariável¹⁵, o ponto de convergência de todos os anseios e ambições russas, justificando o risco de confrontação em ambos os períodos.

¹⁵ SPYKMAN, Nicholas. *America's Strategy in World Politics*. 1942.

3. DIFERENÇAS E RUPTURAS NO TABULEIRO DE CONFLITO: TÁTICAS, ATORES E O CONTEXTO DO SISTEMA

Se a geopolítica da Crimeia é responsável por constituir a variável invariável da motivação russa, é na estrutura dos atores e nos meios de contenção do ocidente que mora a grande ruptura histórica entre o século XIX e XXI. Os objetivos permanecem os mesmos, porém as ferramentas e as alianças para alcançá-los ou impedi-los mudaram de forma drástica.

Dessa forma, esse capítulo possui como objetivo contrastar as profundas divergências que moldam a Guerra da Crimeia (1853-1856) e a Guerra Russo-Ucraniana (2014-2022). Se a Rússia (o sujeito do conflito) apresenta uma notável continuidade da sua ambição, o sistema internacional (o contexto) e o Ocidente (o adversário) demonstram uma quebra completa. Nota-se, então, três mudanças: a Natureza dos atores e das alianças, a evolução das maneiras de contenção e a transformação do contexto doméstico russo.

3.1 A Ruptura na Composição dos Atores e na Natureza das Alianças

A principal diferença e a mais visível e fundamental, é a transformação do conjunto de atores que se contrapõem à expansão russa. O cenário geopolítico mudou de um conflito de impérios (balança de poder clássica) para um choque de sistemas de governança (ordem liberal vs. revisionismo)¹⁶, mudando de forma radical a natureza de contenção dos atores.

No século XIX, a Guerra da Crimeia foi pleiteada no âmbito da Balança de Poder europeia. Por essa razão, o objetivo da coalizão (Império Otomano, França, Reino Unido, Sardenha) era exclusivamente de cunho pragmático: evitar que um único império (nesse caso, a Rússia) obtivesse o poder total, ameaçando assim o status quo regional. A aliança era clara e baseada em interesses territoriais, dinásticos e na manutenção do poder terrestre e marítimo. Não havia um aparato legal ou institucional para a intervenção, apenas uma convergência de interesses imperiais de contenção¹⁷.

Em contrapartida, no século XXI, a coalizão de contenção agora é liderada por organizações institucionais (OTAN e a UE), onde representam a defesa de um sistema pautado de valores e normas. A OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) não é apenas uma mera aliança militar, mas a defensora da Ordem Liberal pós 1945, na qual se

¹⁶ IKENBERRY, G. John. *Liberal Leviathan*. Princeton University Press, 2011.

¹⁷ FIGES, Orlando. *Crimeia*. Record, 2013.

baseia no direito internacional e na soberania territorial¹⁸ dos países. Como observam teóricos do Institucionalismo Liberal, como Robert Keohane e Joseph Nye, instituições e regimes internacionais definem quais são as regras e limitam a ação unilateral dos Estados¹⁹. A resposta para a anexação ocorrida em 2014 não foi apenas uma ação territorial, mas sim uma defesa normativa da soberania ucraniana.

A transformação na própria natureza da disputa, migrando de uma rivalidade de poder para uma questão de choque sistêmico, é o ponto de ruptura mais evidente, conforme aponta Richard Sakwa ao descrever o contexto no sistema de conflito moderno:

O conflito na Ucrânia não é uma simples guerra de poder entre a Rússia e o Ocidente, mas sim uma manifestação de uma profunda crise da ordem internacional. O Ocidente, através da expansão da OTAN e da União Europeia, buscou estender sua esfera de segurança e valores, enquanto a Rússia, percebendo isso como uma violação de sua zona de segurança vital, respondeu de forma revisionista. Esta não é uma mera disputa territorial; é uma guerra por procuração que opõe dois sistemas antagônicos de organização internacional: a ordem hegemônica liberal e a proposta russa de um novo polo de poder na Eurásia, baseada na soberania intransigente e na esfera de influência tradicional. A tragédia de 2014 e o conflito subsequente são o resultado desse choque de projetos de ordem.²⁰ (SAKWA, 2015).

Tal análise pontua que a principal diferença do século XXI reside no enquadramento ideológico e institucional do conflito. No século XIX, a Rússia enfrentou o Império Otomano. Entretanto, no século XXI, o confronto é agora com a Ucrânia, um Estado mais fraco e periférico, onde a defesa é feita pelas instituições ocidentais. A tabela 3 discorre sobre a alteração na composição dos atores de contenção.

Tabela 3: Ruptura na Composição dos Atores de Contenção

Ponto de Comparação	Guerra da Crimeia (1853-1856)	Guerra Russo-Ucraniana (2014/2022)
Atores de Contenção	Coalizão de Impérios: Reino Unido, França e Sardenha (agindo por interesses imperiais e pragmáticos);	Aliança de Instituições: OTAN e União Europeia (agindo em defesa de normas liberais, soberania e

18 NATO. *The North Atlantic Treaty* (1949).

19 KEOHANE, Robert; NYE, Joseph. *Power and Interdependence*. 4ª ed. 2012.

20 SAKWA, Richard. *Frontline Ukraine*. I.B. Tauris, 2015, p. 11–12.

	Império Otomano (o alvo inicial).	segurança coletiva); EUA (como hegemom).
Base da Aliança	Interesse de Equilíbrio de Poder: Evitar a hegemonia russa no Mar Negro (mantendo o <i>status quo</i> imperial).	Defesa de Valores e Normas: Opôr-se à violação da soberania territorial (princípio fundamental da ONU/Ordem Liberal Pós-1945).
Nível de Atuação	Intervenção Militar Direta (guerra convencional).	Contenção Indireta (sanções econômicas, apoio militar a terceiros, guerra híbrida).

Fonte: Elaboração própria a partir de Figes (2013), Mearsheimer (2001) e Sakwa (2015).

3.2 A Mudança nas Táticas de Contenção Ocidental

A mudança mais significativa e de maior impacto está nos métodos utilizados pelo Ocidente para impor a contenção à Rússia, mudando da intervenção militar direta para a guerra híbrida e o bloqueio econômico. Essa é uma mudança de ordem tática, mas com densas consequências estratégicas para a guerra no sistema globalizado atual.

3.2.1 Contenção Militar Direta (1853): Realismo Clássico em Ação

No século XIX, a única contenção que demonstrava uma credibilidade significativa era a demonstração de força militar direta e brutal²¹. A França e o Reino Unido enviaram uma força massiva para a Península da Crimeia e também sitiaram Sebastopol por cerca de um ano, obrigando a Rússia à derrota militar. O conflito pode ser lido como um grande reflexo do

21 HOWARD, Michael. *The Franco-British Intervention in the Crimea*. Oxford University Press, 1961.

Realismo Clássico, onde a guerra é utilizada como ferramenta legítima para equilibrar o poder. Como resposta ao grande conflito, o Tratado de Paris (1856) impôs uma solução militar imediata: a desmilitarização do Mar Negro²².

3.2.2 Contenção Econômica e Indireta (2022): A Interdependência

No século XXI, a contenção toma uma faceta mais modernizada, onde a contenção é limitada pela interdependência econômica global e, crucialmente, pela ameaça de escalada nuclear. Nesse caso, o Ocidente não interveio militarmente (evitando um conflito direto OTAN-Rússia), porém impôs o que se tornou a maior sanção econômica contra uma grande potência (Cortright, 2022).

Essa ação reflete uma grande diferença, onde o poder acaba sendo exercido através da interconexão e vulnerabilidade financeira. O objetivo da sanção é igual ao do sítio de Sebastopol (1854): estancar a capacidade de poder do adversário, porém o meio é o isolamento sistêmico, a exclusão de fluxos financeiros globais (como o SWIFT)²³ e a restrição de tecnologia.

Para além das sanções econômicas, a contenção atual adota a guerra híbrida²⁴. Ou seja, a forma de intervenção passa a ser indireta e terceirizada, onde a defesa do território (nesse caso a Ucrânia) deve ser feita pelo próprio país, utilizando subsídios da ajuda internacional (fornecimento de inteligência, armas e treinamento aos ucranianos).

3.3 Mudança do Contexto Doméstico Russo

Outra diferença significativa reside na natureza do regime russo e na legitimidade política desse conflito, principalmente com relação ao fluxo de controle da informação no país.

Durante o século XIX, a composição política na época era totalmente divergente da atual. O Império Russo era uma autocracia czarista, sendo o conflito imposto de cima para baixo. Ou seja, o controle de informação da época era total e a legitimidade do conflito era pautada pelo quesito religioso (ortodoxia) e pela tradição dinástica.

No presente século, a Federação Russa é um regime de carácter híbrido, onde opera uma democracia iliberal. Embora mantenha padrões e estruturas formais da democracia

²² TREATY OF PARIS (1856).

²³ SWIFT. *How SWIFT Financial Messaging Works*. Documento técnico.

²⁴ HOFFMAN, Frank. *Hybrid Warfare and Challenges*. 2007.

(como eleições), o poder é centralizado ao redor do Executivo e do líder (Vladimir Putin), onde tende por suprimir as liberdades civis e o Estado de Direito. Por essa razão, a legitimidade da ação militar não é apenas imputada, mas moldada por meio de uma forma de gestão complexa da esfera pública moderna do país.

O fator que difere de forma crucial seria o uso da ferramenta de informações como um ponto estratégico. Kremlin utiliza certas técnicas de desinformação, por meio das redes sociais, veículos de comunicação e informação estatais globais (como RT e Sputnik) no intuito de moldar a narrativa doméstica e internacional.²⁵ Um exemplo disso se dá na anexação de 2014 e o conflito de 2022, onde são justificados como sendo formas de defesa contra a suposta “agressão nazista” e a “expansão da OTAN”. Ou seja, o fator da comunicação molda o conflito atual moderno em uma forma de mostruário midiático global, onde a propaganda ganha o poder de uma ferramenta estratégica²⁶ para garantir o apoio doméstico e minar a coesão externa.

3.4 Síntese da Ruptura

As divergências entre ambos os conflitos demonstram uma ruptura importante no modo de operação da política internacional. Enquanto a Rússia repete um pensamento logístico de segurança atemporal, o sistema internacional mundano se transformou em um sistema interconectado e normativo.

25 POMERANTSEV, Peter. *Nothing is True and Everything is Possible*. 2014.

26 RID, Thomas. *Active Measures: The Secret History of Disinformation*. 2020.

4. OS IMPACTOS E CONSEQUÊNCIAS NO SISTEMA INTERNACIONAL: A REORGANIZAÇÃO DA ORDEM

O conflito na Crimeia, em ambos os períodos abordados, perpassa o local dimensional regional do Mar Negro, atuando como um catalisador para a reorganização da ordem internacional e dos princípios de segurança europeus. Ainda que separadas por mais de um século, a Guerra da Crimeia (1853-1856) e a Guerra Russo-Ucraniana (2014/2022) trouxeram resultados sistêmicos, como o dismantelo da arquitetura de segurança vigente e a institucionalização de um novo meio de confronto na Eurásia. Perceber as consequências desses eventos não é só delimitar uma linha histórica de ações, mas sim compreender a continuidade do Imperativo Geopolítico Russo e como o mesmo se choca com diferentes modelos de sistemas, resultando em ruptura.

4.1 O Desmoronamento da Arquitetura de Segurança e a Reorganização da Ordem Sistêmica

A consequência imediata e importante de cada conflito foi a desconstrução da estrutura de segurança que permanecia em vigor na época, trazendo à tona a fragilidade das alianças quando confrontadas com vontades inegociáveis das grandes potências. O primeiro conflito colocou o fim ao então concerto europeu, enquanto o segundo deflagrou a crise da Ordem Liberal pós- Guerra Fria.

A Guerra da Crimeia de 1853-1856 é visualizada pela historiografia como sendo o evento que ocasionou na destruição do arranjo de poder estabelecido no Congresso de Viena (1815).²⁷ Tal sistema, no qual era baseado no princípio da legitimidade monárquica e na manutenção do *status quo* entre as grandes potências, dependiam majoritariamente da aliança precisa da Santa Aliança (Rússia, Áustria e Prússia). A derrocada russa, na qual era aliada à neutralidade da Áustria e à intervenção militar da França e do Reino Unido, desestabilizou o bloco de forma drástica. A tentativa fracassada do concerto em conter a ambição russa sem recorrer a uma batalha destrutiva tornou visível a obsolescência do sistema. O historiador Paul Bushkovitch (2017, p. 250) discorre claramente a dimensão dessa implosão sistêmica:

A Guerra da Crimeia destruiu o Concerto Europeu. A aliança da Rússia com a Áustria e a Prússia, que havia mantido a paz por quase quarenta anos, desmoronou. A derrota russa e o isolamento diplomático da Áustria abriram o caminho para as guerras de unificação na Itália e, crucialmente, na Alemanha. A guerra, que deveria ter contido o revisionismo, acabou por acelerar a instabilidade criativa que culminaria nas duas guerras mundiais do século seguinte. Bushkovitch (2017, p. 250)

27 FIGES, Orlando. *Crimeia*. Record, 2013.

Por consequência, a formalidade desse evento foi o Tratado de Paris (1856), onde a principal imposição a Rússia foi a neutralização do Mar Negro.²⁸ Essa cláusula proibiu a Rússia de manter navios de guerra na região, diminuindo sua capacidade de poder naval a zero e, na prática, demonstrando seu status de grande potência, algo que foi visto por Moscou como sendo uma grande humilhação nacional.

No século atual, o impacto sistêmico da crise da Crimeia (2014/2022) percorre essa quebra, mas em um novo e moderno contexto. O comportamento russo violou o princípio da soberania territorial, sendo ele o pilar da ordem liberal pós-1991 e o fundamento da Organização das Nações Unidas²⁹ (ONU). A crise da ordem liberal se manifesta no colapso da confiança e na volta de uma lógica geopolítica de blocos antagônicos. Em diferença com 1856, o resultado não foi a desmilitarização física direta da Rússia, mas sim a revitalização imediata da OTAN e o à dissuasão brusca.³⁰ Como resposta, o Ocidente, limitado pela interdependência e pela ameaça nuclear, respondeu a esse cenário com sanções econômicas e a contenção militar indireta (apoio à Ucrânia). Tal mudança no eixo de contenção marcou a reemergência do foco da guerra convencional em grande escala no continente europeu, onde o direito internacional é sobreposto pela lógica do poder e da esfera de influência.

4.2 O Legado de Longa Duração: A Institucionalização do Revisionismo Russo e o *Novo Modus Operandi* da Contenção Ocidental

A questão de longa duração que mais causou impacto aos conflitos é a forma como eles construíram um comportamento e as estratégias de longa duração da Rússia e do Ocidente. No caso da Rússia, a derrocada 1856 e o colapso de 1991 (visto por Kremlin como sendo uma catástrofe geopolítica) moldaram padrões revisionistas³¹ de Moscou, onde age no intuito de mudar aquilo que percebe como sendo uma das humilhações históricas e perdas de status de grande potência.

No entanto, o revisionismo seguiu uma linha diferente. No Pós-1856, a Rússia adotou uma política de cunho estratégico baseada na paciência diplomática e reformar internas (abolição da servidão, modernização militar...) no intuito de acumular poder, revertendo os pontos do Tratado de Paris apenas em 1871, quando o entorno europeu foi favorável ao país

28 TREATY OF PARIS (1856). Documento diplomático original.

29 UNITED NATIONS. *Charter of the United Nations*. 1945.

30 NATO. *Strategic Concept* (2022).

31 NYDER, Timothy. *The Road to Unfreedom*. 2018.

(Guerra Franco-Prussiana). A mudança foi um ato de mudança situacionista, mas executado de profundo investimento interno. Em contrapartida, no pós-2014, o revisionismo foi imediato e unilateral. A anexação da Crimeia é a maior manifestação da política externa russa atual, onde o intuito é o foco na reconfiguração da ordem externa por meio da força e da guerra de informação, sem a questão das reformas internas em larga escala no país.

O posicionamento do Ocidente para o padrão supracitado demarca e torna visível a grande ruptura do século XXI. Enquanto em 1856 a contenção era de cunho bélico (militar) e direta, atualmente ela é assimétrica e institucionalizada. O Ocidente se opõe a legitimar a mudança territorial de forma direta pela força, mas também se recusa a confrontar a Rússia militarmente. Esse cenário de dualidade acaba por definir o novo *modus operandi* da contenção, na qual é sistêmico. Richard Sakwa (2015), cientista político, aponta que o conflito moderno é, em seu âmago, um choque de sistemas:

O conflito na Ucrânia não é uma simples guerra de poder entre a Rússia e o Ocidente, mas sim uma manifestação de uma profunda crise da ordem internacional... Esta não é uma mera disputa territorial; é uma guerra por procuração que opõe dois sistemas antagônicos de organização internacional: a ordem hegemônica liberal e a proposta russa de um novo polo de poder na Eurásia, baseada na soberania intransigente e na esfera de influência tradicional. (Sakwa, 2015, p. 11-12)

Portanto, a institucionalização da tensão é a principal consequência de longo prazo. O Ocidente acabou por reafirmar sua hegemonia normativa (defendendo a questão de soberania), enquanto a Rússia reafirma a sua hegemonia realista (defendendo a esfera de influência). A interdependência econômica, na qual deveria ter o papel de promover a paz, tornou-se o principal campo de batalha³², onde as sanções (o isolamento financeiro) tomaram o lugar do bloqueio naval.³³

4.3 A Continuidade Territorial e a Crise da Resolução: A Crimeia como Ponto de Tensão Permanente

O legado mais duro em ambos os conflitos apresentados é a criação de conflitos não resolvidos que garantem a continuidade dessas tensões regionais e globais. No século XIX, o Tratado de Paris pôs um ponto final com a Guerra da Crimeia. Entretanto, as condições impostas à Rússia e a fraqueza do Império Otomano deixaram os Bálcãs instáveis. Por essa razão, o leste europeu continuou seguindo como sendo uma área de rivalidade na qual ajudou

³² KEOHANE & NYE. *Power and Interdependence*. 2012.

³³ FRIEDMAN, George. *The Next 100 Years*. 2009.

a moldar o clima para a Primeira Guerra Mundial. A então considerada paz de 1856, em essência, foi uma solução conjuntural e falha que não resolveu a rivalidade subjacente.

No século presente, a anexação da Crimeia em 2014 é a razão da instabilidade permanente e sem perspectiva de resolução. Salvo algumas exceções, a comunidade internacional não reconhece a anexação russa. O cenário então cria uma espécie de “conflito de inércia” de alta intensidade, com implicações diretas no quesito de segurança de cunho energético, alimentar e na estabilidade nuclear³⁴, pois o risco de escalada é inerente à posse de um território disputado entre grandes potências. A própria ação russa no território demonstra ser uma espécie de pivô da desestabilização, onde molda e consolida o controle sobre o Mar de Azov e o acesso ao sul e leste da Ucrânia, abarcando a região de Donbas. Tal estratégia ratifica o posicionamento central de que a Crimeia, como ponto geográfico central, continua sendo a chave para a desestabilização da ordem europeia.

Diferentemente do conflito de 1856, o conflito moderno não possui um mecanismo de resolução à vista que seja de bom grado para ambas as partes. A análise final é que ambos os confrontos demonstraram o potencial que o Mar Negro possui para dismantelar a arquitetura de segurança europeia em vigor, onde o primeiro conflito acabou com o Concerto Europeu, e o segundo ainda está minando a ordem liberal pós-guerra fria. O legado da Crimeia, separado por mais de um século, é a lição de que o cerne geopolítico russo, uma vez ameaçado, possui a capacidade de reescrever as regras da política internacional. A então invariância do imperativo geopolítico russo permanece, enquanto a resposta global se modifica, causando assim uma crise de ordem de longa duração.

34 WALTZ, Kenneth. *The Spread of Nuclear Weapons*. 2012.

5. CONCLUSÃO

Conforme foi exposto neste artigo, o mesmo propôs a traçar paralelos entre dois grandes conflitos separados por mais de um século – a Guerra da Crimeia (1853-1856) e a Guerra Russo-Ucraniana (2014/2022) –, buscando identificar a complexa interligação entre os padrões de continuidade na motivação russa e as rupturas na resposta global e nas medidas de contenção. A análise comparativa demonstrou que a Península da Crimeia não é meramente o centro das operações, mas sim o eixo geopolítico invariável³⁵ que, em eras diferentes e sob diferentes cenários internacionais, catalisou crises de ordem sistêmica no continente europeu.

A principal síntese reside na invariância do Imperativo Geopolítico Russo. O foco de Moscou pelo controle da Crimeia e do Mar Negro não é apenas um mero capricho ideológico, mas sim uma necessidade estrutural de segurança e projeção de poder que permanece através dos séculos³⁶. Seja ela sob o domínio czarista ou no regime híbrido da Federação Russa, a Crimeia permanece sendo o pivô essencial para o acesso ao Rimland, garantindo assim a irrenunciabilidade pela base naval de Sebastopol³⁷ e servindo como um território tampão inegociável contra a expansão do ocidente. O amedrontamento de perda ou da neutralização da península desdobrou, em ambos os séculos, o comportamento revisionista russo, mostrando que, mesmo que as ferramentas e cenários mudem, a motivação subjacente é uma constante histórica na qual está enraizada na geografia e na lógica da grande potência.

Por outro lado, tal continuidade motivacional se choca de forma direta com a ruptura completa na estrutura sistêmica e nas táticas de contenção ocidental. O tabuleiro geopolítico muda drasticamente de um choque de impérios e de uma política baseada na Balança de Poder (1853) para um conflito de sistemas de governança³⁸ (2022). A oposição à Rússia, atualmente, é liderada por organizações institucionais, primeiramente a OTAN e a União Europeia, que defendem uma ordem baseada no direito internacional e na soberania normativa. Como consequência, a tática de contenção se metamorfoseou: a intervenção militar que antes era direta e convencional (como o cerco a Sebastopol) foi substituída pela contenção assimétrica. O Ocidente, limitado pela interdependência econômica³⁹ e, sobretudo, pela dissuasão nuclear, foi forçado a exercer sua força mediante ao isolamento sistêmico, utilizando assim as sanções

³⁵ FIGES, Orlando. *Crimeia*. Record, 2013.

³⁶ MEARSHEIMER, John. *The Tragedy of Great Power Politics*. 2001.

³⁷ SAKWA, Richard. *Frontline Ukraine*. 2015.

³⁸ Ikenberry, G. John. *Liberal Leviathan*. 2011.

³⁹ CORTRIGHT, David. *The Purpose of Sanctions*. 2022.

econômicas como ferramenta principal, complementada pela guerra híbrida e pela onipresente guerra de informação. Tal modificação tática evidencia que, se o objetivo de conter a projeção russa permanece o mesmo, os meios de realizá-los se reconfiguraram, transformando o conflito em um complexo jogo sistêmico, no lugar de uma mera questão territorial militar.

As consequências de ambos os confrontos, por sua vez, demonstra a singular capacidade do Mar Negro de atuar como um demolidor da arquitetura de segurança europeia. A Guerra da Crimeia de 1853-1856 não se limitou no quesito de humilhar a Rússia e impor a neutralização do Mar Negro, mas sim destruir o Concerto Europeu, o sistema que havia mantido a paz no continente por décadas, fazendo-se capaz para a ascensão do nacionalismo e a reconfiguração do antigo equilíbrio de poder através das unificações posteriores. Analogamente, o conflito russo-ucraniano resultou na crise da Ordem Liberal Pós-Guerra Fria⁴⁰, devido à violação da soberania ucraniana. Essa crise se manifestou no retorno à lógica Realpolitik⁴¹, onde o Direito Internacional deu lugar à afirmação de esferas de influência, onde o foco da segurança europeia regressou à possibilidade da guerra convencional em grande escala. Como resposta, o Ocidente fortaleceu a OTAN onde impôs uma contenção normativa, recusando a legitimidade do revisionismo territorial russo. Em ambos os séculos, o legado final é a institucionalização de uma tensão geopolítica de longo prazo. Em 1856, a fragilidade se caracterizou na “Questão Oriental”; no século XXI, ela congela nas disputas territoriais não resolvidas na Crimeia, no Mar de Azov e no Donbas, moldando um conflito estagnado de alta intensidade. Dessa forma, conclui-se que a invariância do imperativo geopolítico russo permanece o mesmo, enquanto a resposta global se reconfigura, causando uma crise de ordem de longa duração. A estabilidade no continente europeu e no sistema internacional globalizado tende por continuar refém da crise de ordem iniciada no Mar Negro.

40 UNITED NATIONS. Charter of the United Nations. 1945.

41 MORGENTHAU, Hans. *Politics Among Nations*. 1948.

REFERÊNCIAS

- BUSHKOVITCH, Paul. *A Concise History of Russia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- CORTRIGHT, David. *Sanctions: What Everyone Needs to Know*. Oxford: Oxford University Press, 2022.
- FIGES, Orlando. *The Crimean War: A History*. New York: Metropolitan Books, 2013.
- KJELLÉN, Rudolf. *Staten som livsform*. Estocolmo: Hugo Gebers Förlag, 1916.
- KEOHANE, Robert; NYE, Joseph. *Power and Interdependence*. 4. ed. New York: Longman, 2012.
- LIEVEN, Dominic. *Empire: The Russian Empire and Its Rivals*. New Haven: Yale University Press, 2002.
- MEARSHEIMER, John J. *The Tragedy of Great Power Politics*. New York: W. W. Norton, 2001.
- PUTIN, Vladimir. “Annual Address to the Federal Assembly”. Moscou, 25 abr. 2005.
- SAKWA, Richard. *Frontline Ukraine: Crisis in the Borderlands*. London: I.B. Tauris, 2015.
- SPYKMAN, Nicholas. *The Geography of the Peace*. New York: Harcourt Brace, 1944.
- DEPOSITPHOTOS. *Crimea and Strategic Sea Access – Vector Map*. ID 33969991. 2025.